

O Dilúvio¹

Os textos de Gn 6,5–9,17 narram a história do dilúvio e a aliança com Noé (que será com toda a criação), que tem como sinal o arco-íris e a promessa de que Deus não destruirá mais a sua Criação (Gn 9,11). Esta Aliança não foi revogada e continua em vigor. Deus promete não mais destruir a Criação e nós devemos nos comprometer a cuidar bem dela.

É certo que o relato do dilúvio é muito difícil de ser analisado. Basta uma leitura bem atenta e percebe-se que existem problemas:

- a) A razão do dilúvio seria a maldade humana (6,5) ou de toda a Criação (6,11-13)?
- b) Qual é o nome de Deus? Às vezes é Iahweh outras vezes é Elohim (Deus).
- c) A natureza do Dilúvio foi uma chuva forte (7,12; 8,2b) ou um cataclismo cósmico, com rompimento dos reservatórios e das cataratas do céu (7,11; 8,1-2a)?
- d) Qual é o número de animais puros a entrar na arca? Às vezes é dois e outras vezes é sete.
- e) Qual foi a duração do dilúvio: numa versão é quarenta dias e quarenta noites e em outra versão a duração é de um ano.
- f) A saída da Arca aconteceu após a soltura de vários pássaros (8,6-12) ou depois de uma ordem divina (8,15.17)?

Por causa de todos estes problemas, a maioria dos biblistas hoje está de acordo que um redator final deve ter unido duas versões do mesmo evento numa só narração. E estas podem facilmente ser identificadas (cf. abaixo). É certo que o redator pode ter excluído alguns trechos de algum dos relatos (há duas entradas na Arca, mas só uma saída). Mas também este redator final deve ter trabalhado o texto e dado a sua versão. Alguns trechos que podem ser do redator final: 7,3a.8-9 e, em parte, 6,7; 7,7.23; 8,20 (cf. nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém).

Uma observação mais atenta do texto nos leva logo a perceber que o autor do relato A é o mesmo que escreveu o segundo relato da Criação (2,4b-25) e o autor do relato B é o mesmo autor do primeiro relato da Criação (1,1–2,4a). Este deve ter acrescentado alguns elementos que também estavam presentes na epopéia de Gilgamesh, que era conhecida na Mesopotâmia e na Babilônia. É só comparar a linguagem e os termos utilizados.

Vejamos os dois relatos:

	<u>Fato relatado</u>	<u>Relato A</u>	<u>Relato B</u>
1.	A maldade	6,5	6,11-12
2.	A decisão divina de destruir a Criação	6,7	6,13
3.	O anúncio do dilúvio	7,4	6,17
4.	Ordem para entrar na arca	7,1	6,18
5.	Ordem dos animais a entrar na arca	7,2	6,19-20
6.	Objetivo: salvá-los do dilúvio	7,3	6,19
7.	A entrada na arca	7,7-9	7,13-16
8.	O início do dilúvio	7,10	7,11
9.	Subida das águas	7,17	7,18
10.	Destruição dos seres vivos	7,22-23	7,20-21
11.	Fim do dilúvio	8,2b	8,2a
12.	Refluxo das águas	8,3a	8,3b.5
13.	Preparativos para a saída	8,6-12	8,15-17
14.	Promessa de nunca mais destruir a criação	8,20-22	9,8-17

O redator final conhecia os dois relatos e tentou harmonizá-los. No final, tornou-se como uma cantiga a duas vozes. De fato, não era possível mantê-los separados, pois poderia dar a impressão de ter acontecido dois dilúvios. A criação só podia ser destruída uma só vez.

¹ Esta seção é baseada no livro de J. L. Ska, *Introdução à leitura do Pentateuco* (Loyola: São Paulo, 2003) pp. 76-81.